



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 11/08/2023 a 17/08/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
11/08/2023	14,01	436,90	66,34	6,26	4,74
14/08/2023	13,91	462,30	66,32	6,16	4,75
15/08/2023	13,23	403,80	65,90	5,98	4,64
16/08/2023	13,34	404,50	66,77	5,97	4,69
17/08/2023	13,36	399,60	67,76	5,89	4,73
Média	13,57	421,42	66,62	6,05	4,71

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	136,00	
RS – Não Me Toque	136,00	
RS – Londrina	129,00	
PR – M.C.Rondon	129,00	
MT – C.N.Parecis	110,00	
MS – Maracaju	127,00	
GO - Rio Verde	116,00	
BA – L.E.Magalhães	126,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	61,00	CIF
Porto de Paranaguá	58,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	52,00	
SC – Rio do Sul	50,00	
PR – M.C.Rondon	45,00	
PR – Londrina	45,00	
MT – C.N.Parecis	35,00	
MS – Maracaju	41,00	
SP – Itapetininga	48,00	
SP – Campinas	53,00	CIF
GO – Rio Verde	38,00	
GO – Jataí	38,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	64,00	
RS – Não Me Toque	66,00	
PR – Londrina	63,00	
PR – M.C.Rondon	63,00	

Período: 16/08/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 17/08/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	53,13	138,75	65,00

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
17/08/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	88,28
Feijão (saco 60 Kg)	244,45
Sorgo (saco 60 Kg)	41,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,26
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,36**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,09

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Junho/23, cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

Apesar do relatório de oferta e demanda, do USDA, anunciado no último dia 11/08, ter vindo com viés altista, os números divulgados estavam relativamente assimilados pelo mercado. Ao mesmo tempo, e temperando a possibilidade de altas nas cotações, o relatório sobre a qualidade das lavouras nos EUA, divulgado no dia 14/08, veio baixista. Com isso, a cotação da soja, para o primeiro mês cotado, acabou recuando em relação a semana anterior (considerando que o primeiro mês passou a ser setembro). O fechamento deste dia 17/08 ficou em US\$ 13,36/bushel, contra US\$ 13,52 para setembro e US\$ 14,12/bushel, para agosto, indicados uma semana antes. Destacar que, enquanto o óleo de soja se mantém firme em Chicago, tendo fechado a quinta-feira (17) em 67,76 centavos de dólar por libra-peso, o farelo despencou, voltando a fechar abaixo dos US\$ 400,00/tonelada curta, a mais baixa desde meados de junho.

O relatório do USDA, a respeito da safra 2023/24 nos EUA, reduziu a estimativa da mesma para 114,45 milhões de toneladas. Com isso, os estoques finais naquele país, para o ano em questão, foram reduzidos para 6,67 milhões de toneladas. A produção mundial ficou em 402,8 milhões de toneladas, em função de que a produção do Brasil e da Argentina estarem projetadas em 163 e 48 milhões de toneladas, respectivamente. Assim, os estoques finais mundiais passaram a 119,4 milhões de toneladas. As importações da China foram mantidas em 99 milhões de toneladas. Por fim, o preço médio do bushel de soja, para o produtor estadunidense, no novo ano comercial, foi elevado de US\$ 12,40/bushel na projeção de julho, para US\$ 12,70 neste relatório de agosto.

Por outro lado, o USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) apontou, em seu relatório do dia 14/08, uma nova melhora nas lavouras norte-americanas de soja. O índice das lavouras da oleaginosa classificadas como boas ou excelentes foi a 59%, contra 54% da semana anterior. Outras 29% estavam em condições regulares e 12% em condições ruins ou muito ruins. O relatório também indicou que 94% das lavouras de soja daquele país estavam em floração na data, enquanto 78% estavam com formação de vagens.

Em paralelo, na semana encerrada em 10 de agosto, os EUA embarcaram 297.797 toneladas de soja, volume que ficou próximo ao patamar máximo esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial (2022/23), os embarques chegam a 51,1 milhões de toneladas, representando 8% menos do que há um ano.

Enfim, a Associação Nacional dos Processadores de Oleaginosas dos EUA informou, nesta semana, que o esmagamento de soja naquele país foi de 4,72 milhões de toneladas no mês de julho. O volume supera as expectativas do mercado, que eram de 4,66 milhões de toneladas, e o esmagado no mês de junho, que foi de 4,94 milhões. O processamento de soja nos EUA, em julho, foi recorde para o mês e, na comparação anual, registrou um avanço de 1,8%.

E aqui no Brasil, mesmo com um câmbio trabalhando ao redor de R\$ 4,98 por dólar em boa parte da semana, e os prêmios passando para o lado positivo (tomando Paranaguá como referência, entre setembro e novembro do corrente ano os mesmos estão positivos entre US\$ 0,88 e US\$ 0,95/bushel) os preços estabilizaram. A média gaúcha ficou em R\$ 138,75/saco, enquanto as principais praças do Estado negociaram o

produto a R\$ 136,00/saco. Já nas demais regiões do país a soja oscilou entre R\$ 110,00 e R\$ 129,00/saco.

Dito isso, consultores brasileiros na área dos grãos apontam que o contrato novembro, em Chicago, ao se manter acima dos US\$ 13,00/bushel ainda é bastante positivo para a nova safra sul-americana da oleaginosa. Isso porque “quando a região chegar no momento do plantio e se confirmar uma área maior a ser semeada, haverá um fator negativo sobre as cotações. O mercado estaria hoje no meio da janela entre suporte e resistência, tomando-se o mês de novembro como referência, que é o momento em que a safra estadunidense estará colhida, ou seja, entre os US\$ 13,00 que é o suporte e os US\$ 13,50 que é a resistência. No momento, no Brasil, a safra nova está pagando melhor do que safra passada. E o disponível está pagando menos. No disponível, ainda temos muita soja e muito milho. Temos 100 milhões de toneladas de grãos - entre soja, com 44 milhões, e milho - nas mãos dos produtores. Isso é bom porque uma boa parte está capitalizado e ruim porque vai acabar pressionando o mercado para baixo, uma hora ou outra, com essas grandes ofertas que ainda temos”. (cf. Brandalitze Consulting)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, recuaram um pouco nesta semana. Assim como no caso da soja, o relatório do USDA, do dia 11/08, embora tenha sido de viés altista para os preços do cereal, não conseguiu sustentar a tendência diante de outros elementos baixistas, como o caso da melhoria da qualidade das lavouras estadunidenses.

Com isso o bushel do cereal fechou a quinta-feira (17) em US\$ 4,73, contra US\$ 4,83 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda reduziu em quase 6 milhões de toneladas a nova safra dos EUA, fixando-a em 383,8 milhões de toneladas. Mesmo assim, 35 milhões de toneladas acima do produzido no ano anterior. Já os estoques finais estadunidenses ficam estimados em 55,9 milhões de toneladas, com recuo de pouco menos de 2 milhões de toneladas sobre julho. Mesmo assim, eles ficam 18,9 milhões acima dos estoques finais de 2022/23. Quanto à produção mundial de milho, ela está, agora, estimada em 1,214 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais ficam em 311 milhões. O preço médio aos produtores estadunidenses de milho, no novo ano comercial 2023/24, está projetado em US\$ 4,90/bushel, contra US\$ 4,80 em julho. A produção brasileira e argentina de milho está projetada em 129 e 54 milhões de toneladas, respectivamente, para este novo ano comercial.

Dito isso, o índice de lavouras boas ou excelentes, nos EUA, passou de 57% para 59% no dia 13/08. Outras 28% estavam em situação regular e 13% em condições ruins ou muito ruins. Naquela data, 65% das lavouras estavam em fase de enchimento de grãos, contra a média histórica de 63% para a data.

Já pelo lado do comércio internacional, os embarques estadunidenses de milho, na semana encerrada em 10/08, somaram 398.269 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Com este volume, o total no atual ano comercial atinge a

35,6 milhões de toneladas, ou seja, 33% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior.

Enquanto isso, na China, sua produção de milho e soja está mantida, apesar das enchentes ocorridas em algumas regiões produtoras. A previsão para o milho é de uma produção de 282,3 milhões de toneladas, enquanto para a soja a mesma está em 21,5 milhões de toneladas, disse o Ministério da Agricultura chinês.

E no Brasil os preços do milho continuam com viés de baixa, na medida em que a safrinha vai entrando no mercado. A colheita da mesma, até o início da presente semana, atingia a 72,8% da área semeada, com o clima favorecendo o processo. Lembrando que a média histórica é de 80,6% para esta época do ano. No Paraná, a colheita atingiu 44%, enquanto no Mato Grosso do Sul, 43%, e São Paulo, 35%. Minas Gerais está mais avançado, com 63%, (cf. Pátria AgroNegócios)

Por sua vez, o Deral, da Secretaria de Agricultura e do Abastecimento do Paraná, informa que a colheita da safrinha está em menor ritmo do que o anunciado pela iniciativa privada, ficando em 34% da área total.

Por outro lado, enquanto no Mato Grosso faltava 1,5% da área a ser colhida, no Mato Grosso do Sul a colheita da segunda safra de milho progredia lentamente. A área total colhida naquele Estado, até o dia 11/08, chegava a 33,2% segundo a Famasul. Ou seja, cerca de 10 pontos percentuais abaixo do indicado pela iniciativa privada. A colheita sul-matogrossense está quase 16 pontos percentuais abaixo do colhido no ano anterior nesta data.

Enfim, nas duas primeiras semanas de agosto o Brasil embarcou 3,15 milhões de toneladas de milho, volume que representa 42,2% do total exportado em todo o mês de agosto de 2022. A média diária de embarques, nos nove primeiros dias úteis de agosto está 8,1% acima do registrado em igual período de 2022. Apesar disso, ainda há dúvidas se o Brasil conseguirá exportar, em 2023, as 50 milhões de toneladas que precisa para aliviar seus estoques do cereal. Vale ainda destacar que o preço da tonelada caiu 10,1% no período, saindo dos US\$ 272,10 no ano passado para US\$ 244,70 no atual mês de agosto. (cf. Secex)

Em tal contexto, a Anec (Associação Nacional dos Exportadores de Cereais) revisou sua estimativa para as exportações de milho, em agosto, projetando que o volume total possa alcançar entre 7,8 e 10,25 milhões de toneladas.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, recuaram a ponto de romper o piso dos US\$ 6,00/bushel no dia 15/09, quando o primeiro mês passou a ser setembro. Com isso, o fechamento desta quinta-feira (17) ficou em US\$ 5,89/bushel, contra US\$ 6,37 uma semana antes. Este valor atual é o mais baixo desde o final de maio passado.

No caso do trigo o relatório de oferta e demanda do USDA foi praticamente neutro, pouco trazendo de modificações em relação a julho. O mesmo indicou uma produção, nos EUA, de 47,2 milhões de toneladas e um pequeno aumento nos estoques finais do

país, para 2023/24, com os mesmos passando a 16,8 milhões de toneladas. Com isso, o preço médio ao produtor estadunidense de trigo, no novo ano comercial indicado, permaneceu em US\$ 7,50/bushel. Já a produção mundial de trigo foi reduzida em pouco mais de três milhões de toneladas, em relação a julho, ficando agora estimada em 793,4 milhões de toneladas. Porém, os estoques finais mundiais recuaram apenas um milhão de toneladas, ficando em 265,6 milhões de toneladas do cereal. A produção do Brasil está estimada em 10,3 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina ficaria em 17,5 milhões, após novos problemas climáticos no vizinho país.

Dito isso, a colheita do trigo de inverno, nos EUA, no dia 13/08, chegou a 92% da área, ficando exatamente na média histórica. Enquanto isso, o trigo de primavera, na mesma data, estava colhido em 24% da área, contra 28% na média histórica. Do que faltava colher, 42% estavam em condições entre boas a excelentes, 39% regulares e 20% em condições entre ruins a muito ruins.

Já os embarques de trigo, por parte dos EUA, na semana encerrada em 10/08, somaram 183.289 toneladas, ficando abaixo das expectativas do mercado. Com isso, o total dos embarques estadunidenses de trigo, no atual ano comercial, iniciado em 1º de junho, soma 3,22 milhões de toneladas, ou seja, 18% menos do que há um ano.

E no Brasil, a pressão de baixa sobre os preços internos do trigo aumentou, na medida em que se aproxima a nova colheita, a partir de setembro. No Paraná, onde as primeiras lavouras já foram colhidas, as indicações de compra, FOB interior daquele Estado, estão entre R\$ 1.250,00 e R\$ 1.300,00/tonelada. Isso representa entre 75,00 e R\$ 78,00/saco FOB. Assim, o preço aos produtores, no interior, recuaram para R\$ 63,00/saco, enquanto a média gaúcha fechou a semana em R\$ 65,00/saco.

Lembrando que a paridade de importação, a partir da safra nova da Argentina, estaria em torno de R\$ 1.300,00/tonelada (R\$ 78,00/saco) no interior. Assim, diante de uma nova safra cheia prevista, será muito difícil impedir que os preços internos do trigo continuem a recuar neste restante de ano.

Claro que falta ainda muito para a colheita no Rio Grande do Sul ser iniciada e o clima pode causar mudanças significativas nesta tendência de preços, porém, o quadro para os mesmos inquieta, embora previsto. Neste momento, por exemplo, a falta de frio e as altas temperaturas estão preocupando muito o setor produtivo do Estado gaúcho.

Pelo sim ou pelo não, as atuais médias de preço do trigo estão 36,6% e 44,2% abaixo do registrado um ano antes, no Rio Grande do Sul e Paraná, respectivamente. Esse quadro indica que o potencial de baixa no Estado gaúcho ainda é bastante significativo caso a nova safra venha normal.

Nesse sentido, contrariando as estimativas da Conab e do USDA, a iniciativa privada ainda avança uma safra total brasileira de 11,2 milhões de toneladas de trigo. (cf. Stone X) Já são números menores do que estimativas anteriores, porém, ainda bastante elevados para o padrão que se espera de colheita no país, o qual tende a ficar entre 10,3 e 10,5 milhões de toneladas.

Por sua vez, a importação de trigo pelo Brasil está estimada em 5,77 milhões de toneladas em 2023/24, com um crescimento de 27,9% sobre o ano anterior. Já a

exportação do cereal pelo Brasil, em 2023/24, está prevista em 2,49 milhões de toneladas, ante 2,66 milhões em 2022/23. Diante deste contexto, os estoques finais brasileiros, para 2023/24, ficariam em 1,46 milhão de toneladas de trigo. (cf. Stone X)